BORIS VIAN

JOSÉ MENDONÇA DA CRUZ, *texto*

"Há tantas coisas para ver...", diz uma das personagens de Boris Vian. Como o autor. Os livros principais estavam escritos — muitos recusados ou editados discretamente — e Vian lança-se, nos últimos dez anos da sua curta vida de quarenta, numa actividade frenética e variada, uma vida invejável, um fogo de barragem. Os livros eram o principal. Soube-se mais tarde.

D.R.

VIDA E OBRA, ESTA ESMAGADA POR AQUELA

1

"Quer ver?" "Claro", disse Anne, "tudo me interessa"
(L'Automne a Pékin)

Boris Vian gostaria do título: *Boris Vian, Vida e Obra, esta esmagada por aquela.* Li uma biografia de Boris Vian — o título era só o nome, *Boris Vian*, mais nada — e entre a chuva de nomes famosos, locais de Paris lendários, guerrilhas literárias com Sartre, Camus, Eluard e Malraux, historietas de *jazz* e *caveaux*, vidas quotidianas de St. Germain des Prés, festas, escândalos, cançonetas, cançonetistas e actrizes, não reconheci o autor dos romances e novelas que li febrilmente entre 70 e 73, *L'Écume des Jours*, *L'Automne a Pékin*, *L'Arrache-Cœur*, *Les Fourmis*, *Le Loup-Garou*, *L'Herbe Rouge*. Culpa da biografia que é justa e sofre da miopia de que as biografias devem sofrer — ninguém escreve a biografia de um autor literário para relatar o conteúdo dos livros e, assim, as referências às obras vêem-se em asfixiante companhia, passam a meros episódios. Culpa também de Boris Vian, nascido em 10 de Março de 1920, morto pelo coração às 22.10 horas do dia 23 de Junho de 1959. Quarenta anos de vida demasiado multifacetada e pitoresca para o seu próprio interesse de escritor.

2

"Tudo o interessa um pouco", disse o abade

Então, antes de ler acerca de Boris Vian, é preciso ler Boris Vian. E, depois de ler a biografia, ler os livros outra vez, porque obviamente permanece que há circunstâncias que explicam personagens e passagens que reflectem episódios reais. Ler Boris Vian, começando por *L'Écume des Jours*, escrito entre Março e Maio de 1946, e acabando no livro insignificante que mais contribuiu para o desconhecimento de Vian, *J'Irai Cracher sur vos Tombes*.

L'Ecume des Jours é um livro poético, um dos maiores romances de amor contemporâneos, sereno mas característico do particular universo de Boris Vian, onde as palavras se revoltam, as relações causa-efeito se organizam numa lógica diferente e barragens de malabarismos pretendem mascarar gravidade e sofrimento. Colin ama Chloé e a casa em que vivem é invadida por raios solares muito físicos que ressaltam nas paredes, tem ratos alegres a quem o cozinheiro erudito também dá a provar os pratos exóticos que faz. Mas Chloé tem uma tosse estranha e os médicos diagnosticam-lhe um nenúfar no pulmão. A casa entristece, encolhe fisicamente à medida que a doença avança, o sol que se reflectia passa a escorrer pálido pelas paredes, os ratos retiram-se tristemente. E Colin arruína-se comprando flores com que cerca a amada, "para que o nenúfar se envergonhe" perante a exuberância dos ramos.

D.R.

3

"Parvoíce. Dupla parvoíce"
(Boris Vian, 1951, *Jornal Íntimo*, inédito)

Acabando no livro *J'Irai Cracher sur vos Tombes*, uma graça muito à Boris Vian que deu para o torto e lhe custou caro.

Nos finais de 1946 — já escritos mas não publicados *Vercoquin et le Plancton* e *L'Ecume...* — Vernon Sullivan entra em cena e começa a fazer aquilo que não deixará de fazer até à morte de Boris Vian: estragos.

Com o pós-guerra e o interesse nascido pelas coisas americanas, a respeitável editora Gallimard, que recebera e viria a publicar os originais de *Vercoquin...* e *L'Écume...*, lança uma colecção de romance negro. Desejoso de lançar a sua própria casa editora e de concorrer nessa moda, Jean d'Halluin pede ao seu amigo Boris Vian, reconhecido especialista dos EUA-música-e-escrita, que lhe escolha um livro. Vian aceita escolhê-lo. Aceita mes-

mo traduzi-lo. Propõe, melhor ainda, fazê-lo.

Não era um livro (não é um livro), era uma brincadeira, um jogo secreto. Boris Vian assina Vernon Sullivan e é apresentado, até no contrato com a nova editora, como tradutor e tutor dos interesses do "autor americano". *J'Irai Cracher sur vos Tombes* é a história de um branco com sangue negro que se vinga cruelmente nas filhas da burguesia, em múltiplas cenas de crueldade e sadismo perante as quais até o tradutor Vian quando, em finais de 47, um crime passional segue uma cena do livro, deixado aberto junto à vítima. Quanto à crítica, suspeita da "solicitude paternal" do tradutor escassos oito dias depois da publicação e entretém-se com o enigma.

4
"...mais uma coisa que ele terá falhado"
(Lil acerca de Wolf em *L'Herbe Rouge*)

E a obra verdadeira de Boris Vian? *Vercoquin..., L'Écume..., L'Automne...* caem sob o olhar venções, incorpora raciocínios de engenheiro, deleita-se em trocadilhos, apresenta objectos inanimados que agem, tem sexo e, diz Michelle, é "inquietante e pessimista".

Boris Vian lamentará mais tarde: "Tentei contar às pessoas histórias que nunca tinham lido. Parvoíce. Dupla parvoíce; elas só gostam do que já conhecem."

Tem razão quanto aos seus livros verdadeiros. Mas a reacção que obtém agora foi (como Michelle Vian dirá anos depois

D.R.

Boris Vian e as actrizes de *J'Irai Cracher sur vos Tombes*

Boris Vian (a piada será construída ao pormenor) hesita um pouco.

Vian nunca se confessará, nem ao seu grande amigo e defensor na Gallimard, Raymond Queneau, nem a Sartre, que sempre julgará que Sullivan é real e que o romance "desmascara as contradições da sociedade americana". As vendas do livro, que será perseguido judicialmente por associações morais, não estarão à altura do escândalo, mas farão o desafogo económico de Boris de uma crítica mais preocupada com a personagem do que com os livros ou encalham numa editora que, de súbito, está mais interessada pelo tradutor exímio do que pelo novo autor.

Boris Vian surgiu como escritor em 1942, aos 22 anos de idade, com um *Conto de Fadas para Uso das Pessoas Médias*, feito para Michelle Vian, grávida do primeiro filho, Patrick (terão seis anos mais tarde uma filha, Carole). Passada no país das luas azuis, a narrativa já quebra as con- sobre o mau acolhimento de uma divertida peça de teatro) "largamente convidada".

5
"Gostaria de explicar. O júri não compreendeu"
(*Les Chiens, le Desir et la Mort*, de Vernon Sullivan)

Vian começou por exercitar-se com o *Conto de Fadas* (para consumo doméstico), com *Trouble dans les Andains* (de Maio de 1943, demasiado juvenil e um pouco pateta) e com *Cem Sonetos* (na verdade 112). Nunca os quis publicar por não

os considerar obras completas. Publicaram-lhos postumamente e viu-se que o autor tinha razão.

Vercoquin et le Plancton, um romance de geração, da juventude que se esforça por não reparar na ocupação alemã e se diverte contra a rotina de velhos e funcionários, é escrito em 45, mostrado a um amigo e vizinho, François Rostand, que o mostra ao pai, Jean Rostand, que o mostra ao secretário-geral da Gallimard, Raymond Queneau, antigo surrealista. Queneau, que se tornará amigo e fã de Boris Vian, prepara uma colecção para revelar novos escritores e decide publicar o livro. *Vercoquin...* será publicado em 11 de Fevereiro de 1947, afinal noutra colecção da editora, a 4000 exemplares, com promoção discreta e recebido por críticos que estão sob o efeito Boris/Sullivan.

L'Écume des Jours, escrito para o Prémio de La Pleiade de 46, instituído pela Gallimard em 43 para premiar jovens escritores, choca-se com a mudança dos tempos. Condicionada nas anteriores edições a escolher "modernos" pelas acusações de tradicionalismo e de inclinações pró-Vichy, a Gallimard, através do júri do prémio, resolve vingar-se escolhendo, precisamente, um tradicionalista. Boris Vian perde (ficará furioso e escreverá para que o saibam), Jean Grosjean ganha, com *Terre du Temps*, variações sobre a Bíblia. De entre o júri, composto por editores, autores ou aliados da Gallimard, votam por Vian, Queneau, Sartre e Lemarchand; por Grosjean, André Malraux, Paul Eluard, Marcel Arland, Maurice Blanchot, Joe Bousquet, Albert Camus, Jean Grenier, Jean Paulhan e Roland Tual. Editado em 30 de Abril de 47, a 4000 exemplares, com a mesma discreta promoção, *L'Écume...* sofre também da fama de *J'Irai Cracher sur vos Tombes*.

E a Gallimard, que já tem em mãos o original de *L'Automne a Pékin*, escrito entre Setembro e Novembro de 46, interessa-se pelo tradutor Vian, e não presta demasiada atenção ao escritor, cuja última obra aproveita para ajustar algumas contas com membros do júri, vestindo-lhes a pele de tristes personagens. *L'Automne...* não será publicado.

D.R.

Com o seu *Brasier* de 1911

6
"As duas coisas aterrorizantes — que eles cresçam e que eles saiam do jardim"
(Clementine, a mãe, em *L'Arrache-Cœur*)

Cinco pontos, apenas e ainda, sobre Vian — 1. 2. 3. 4. 5. — e *J'Irai Cracher sur vos Tombes* já se imiscui em três deles. Mas nem um romancezeco nem a notoriedade duma piada chegam para obscurecer um autor. Claro que não. O que é verdade é que as dificuldades que ainda hoje se sentem na abordagem das obras de Boris Vian eram seguramente mais evidentes na época em que as escreveu: as ideias ao arrepio dos grandes debates políticos do momento, o estilo em elaboradas camadas de sentidos, o tom ou desprendido ou cruel com que se entretém a desfocar azedume, angústia, lirismo subjacentes. O estilo de vida, finalmente.

Doente de uma insuficiência da aorta diagnosticada aos dois anos e agravada aos quinze por uma febre tifóide mal curada, Vian viveu a sua juventude sob a protecção de pais ricos e preocupados com o filho, numa casa de Ville d'Avray, Paris, com um magnífico parque sobre o Sena, passando férias na Normandia, em Landemer, numa casa com um magnífico jardim sobre o mar. Com o pai, Paul Vian, herdeiro ocioso de uma casa de bronzes artísticos, bem casado com Yvonne Woldemar-Ravenez, herdeira de uma empresa de edições e papel, Boris partilha as preferências musicais e o gosto da leitura (Kafka, Wodehouse, Jarry, Grimm, Andersen,

Defoe, Twain, Stevenson) e do cinema. Da mãe, harpista amadora (a quem deve um nome de repertório, Boris, de Boris Godunov), a música vanguardista, Satie, Debussy, Falla, Ravel. E protecção e atenções constantes. Os filhos Lelio, Boris, Alain e Ninon Vian são incentivados a divertir-se e fazer amigos, mas... em casa.

7
"Continuamos cercados"
(o soldado de *Les Fourmis*)

Tímidos e cultos, divertidos e inocentes (*"c'était salement chaste"*, escreve Vian sobre os seus dezoito/vinte anos), os Vian vivem no alegre esforço de passar ao lado da ocupação. Boris casa com Michelle Léglise em 1941, vive o cinismo e a despreocupação da tribo "zazou" nos cafés do Quartier Latin, e trabalha na Associação Francesa de Normalização, engenheiro estagiário formado na Centrale, recebendo 4000 francos por mês e com tempo para dedicar-se, com os irmãos Alain e Lelio, ao trompete e ao *jazz*. Quando chega a libertação e a época dos grandes debates e alinhamentos, quem é Boris Vian? Um liberal um pouco *snob*, marginal às grandes correntes políticas, que acha o comunismo bárbaro e conformista e culpa o capitalismo americano da escravização dos negros. Um combatente neo-surrealista da libertação das palavras e um *gentleman* das letras para quem a literatura não se discute, faz-se. Um cultor (desde os dezassete anos) e conhecedor profundo do *jazz*, adepto do estilo New Orleans, contra os modernistas e o *swing* dançante, trompetista interessante apenas. Um pacifista frio e grave (*Les Fourmis*, onze novelas — escritas entre 44 e 47 e só publicadas em 49, sob o título geral da primeira) ou burlesco e cruel (*L'Equarrissage pour Tous*, peça de teatro escrita nos fins de 47 e representada em 1950). Um príncipe de St. Germain des Prés e das caves, ponto de encontro de conhecidos e amigos como Jacques Lacan, Jean Cau, Sartre e Simone de Beauvoir (e os existencialistas), Jean Cocteau, Juliette Greco, Anne Marie Cazalis, Alfred Jarry, Merleau-Ponty, e do "Tout-Paris", aristocratas e estrangeiros famosos, actrizes e manequins. A agitação nas caves, numa descrição cronista de Boris Vian, é como a dispersão da vida: "Um barulho tão intenso que, por reacção, não se via nada."

As ideias para ver ao longe e Boris Vian sem elas? Apenas acusando os mestres (como Wolf em *L'Herbe Rouge*) de "me terem feito pensar que poderia existir um dia, algures, uma ordem ideal". "Pois bem, respondeu o senhor Brul, é um credo que pode encorajá-lo, não lhe parece?" "Quando comprendemos que nunca lá se chegará (...) esse encorajamento resolve-se em desespero e precipita-nos no fundo de nós mesmos como o ácido sulfúrico precipita os sais de bário", responde Wolf.

D.R.

Boris Vian, trompetista interessante

8
"Eu sei, eu sei. Não se perca em comentários sem interesse"
(o senhor Brul, para Wolf)

Os livros, então!...

L'Automne a Pékin é o *Outono em Pequim*, *L'Arrache-Cœur* é o *Arranca-Corações*, *L'Écume des Jours* é *A Espuma dos Dias*, e estão os três traduzidos e publicados em português. Mas a escolha da língua original é apenas o reconhecimento da especialidade do estilo de Boris Vian, pesadelo dos tradutores e paraíso das notas de rodapé. Ao traduzir, ou fica perdido um dos muitos trocadilhos e subentendidos ou então eles são salvaguardados com explicações laterais ou inferiores (só "geograficamente", entenda-se).

Boris Vian escreve em três níveis simultâneos. Vejam alguns exemplos.

Primeiro nível, o trocadilho, a desmontagem das palavras. Na novela *Les Remparts du Sud*, um dos primeiros escritos, datado de 1945, e publicado com *Le Loup-Garou*, o major (na vida real um amigo de Vian) diz a Bison Ravi (um anagrama de Boris Vian): "*Ma grand-mère, qui est morte, y avait un apartement et mon père la conservé.*" *Le Bison, n'entendant pas d'e muet a la fin, comprit qu'il s'agissait de l'appartement et non de la grand-mère.*

A confusão entre a conservação da avó ou do apartamento por causa dum "e" mudo é divertida, mas é exclusiva da língua e só é possível se for breve e não pode ser breve se sublinhada por explicações. Outro trocadilho, a propósito de um grupo que desce a escada de um bar, em *L'Automne...*: "*Angel fermait la marche, afin que les prochains arrivants puissent s'en servir a leur tour. Quelquefois, des insouciants la laissaient ouverte et le garçon se cassait la figure.*" Impossível também a tradução, que confunde "*fermer la marche*", fechar a marcha, com "*fermer la marche*", fechar o degrau. Outro trocadilho, ainda, traduzido já: "Dou-lhe 28 anos..."; "Agradeço-lhe, mas não saberia que fazer deles." Este é o primeiro nível, superficial, da escrita de Boris Vian, apenas um jogo com as palavras, que ele não se dispensará de usar até em correspondência particular, porque cada pessoa "tem direito a 1/4 de hora de riso ou de cepticismo". Ao crítico Max Favalelli, que lhe desfaz uma peça de teatro, Vian escreve: "Caro Favalellipípedo..."

O segundo nível é o da revolução da lógica, quando as relações causa-efeito deixam de funcionar como as conhecemos. Como na cena seguinte da novela *Le Voyage a Khonostrov*: "A locomotiva soltou um grito estridente. O maquinista compreendeu que o travão a apertava de mais e moveu a alavanca no bom sentido, enquanto um homem de boné branco apitava por sua vez para ter a última palavra. O comboio afastou-se lentamente." O objecto inanimado que se queixa, o maquinista que não age, limita-se a reagir, o chefe de estação que cumpre uma birra, mais que um papel. Esta lógica nova invade até o mundo da fantasia, como no *Lobisomem* (*Le Loup-Garou*), um lobo vítima de uma dentada humana e que se transforma em homem nas noites de Lua cheia. O mundo neo-surrealista de Vian.

D.R.

Com Miles Davis no Club Saint Germain, 1940

9
"Só o que é feio nos faz agir. Somos cobardes"
(Angel para Jacquemort, em *L'Arrache-Cœur*)

O terceiro nível, por fim. O trocadilho, a fantasia, o absurdo, a amargura, uma inquietação, uma violência brutal e surda que percorre quer *L'Automne...*, quer *L'Herbe Rouge*, quer — e principalmente — *L'Arrache-Cœur*, escondem o olhar de Vian sobre o mundo.

Em *L'Arrache-Cœur*, o psicanalista Jacquemort chega à povoação costeira para psicanalisar e encher o seu vazio com os pensamentos mais íntimos dos outros. Estranha povoação, onde na feira se vendem velhos, onde os artífices preferem trabalhar à mão, para poupar a maquinaria, porque crianças há à dúzia e a bom preço. Ninguém tem remorsos, pois pagam a La Gloire "em vergonha e ouro" para os livrar da culpa e dos cadáveres. Mas todos estão proibidos de vender seja o que for a La Gloire, que acumula ouro imprestável, a coisa mais valiosa porque é a única sem preço. Na casa onde se hospeda, na falésia sobre o mar (o jardim é o dos Vian em Landemer), Jacquemort encontra uma mãe sobreprotectora de três filhos, Clementine, e um pai que vai partir, Angel. O psicanalista argumenta com Angel: "Mas vai sentir falta dos seus filhos." E Angel: "Tem-se sempre falta de qualquer coisa; mais vale que seja qualquer coisa importante." E faz-se ao mar num barco construído por si (para fugir ao que é feio, o que acha uma cobardia moral), mas um barco com pouca água e um furo no casco (para que, ao menos, a fuga seja "fisicamente ousada").

10
"Não é possível que seja só isto"
(Wolf, em *L'Herbe Rouge*)

Vercoquin... ficou-se pelos discretos 4000 exemplares de Fevereiro de 47, tal como *L'Écume...* em Abril do mesmo ano. *L'Arrache-Cœur*, escrito em 47, terá uma publicação desapercebida em 53. *L'Herbe Rouge* será recusado pela Gallimard em 49. *L'Automne...* será reeditado sem grande sucesso em 56, pelas Editions de Minuit, de Alain Robbe Grillet. *L'Equarrissage pour Tous* (teatro), escrito em 47, será levado a cena perante o riso do público e o fogo cerrado da crítica, sendo retirado ao fim de uma semana. *Les Fourmis*, novela publicada na revista de Sartre *Les Temps Modernes* em 1 de Junho de 46, será editada com mais dez novelas em 50. *Le Loup-Garou* escrito em 1947, terá uma edição num conjunto de onze novelas de Vian em 1970.

11
"... e o barulho tão intenso que nada se via"
(Boris Vian sobre o Tabou, em St. Germain)

De 1947 a 1959, ano da sua morte, a vida de Boris Vian será tão dispersa e multifacetada que chega a impressionar. Não conhecendo os livros, é uma vida invejável, cheia de novos interesses, múltiplos talentos, diferentes amigos e ilustres conhecimentos. Conhecendo os livros, é penoso segui-la.

Boris Vian, personagem da moda, dos clubes existencialistas, como o Tabou em 47, o Club Saint Germain em 48 e 49.

Boris Vian, o trompetista, primeiro numa orquestra com os irmãos, depois com Claude Abadie, até deixar de tocar em 52, proibido pelo coração. Boris Vian amigo e anfitrião de Duke Ellington em Julho de 48.

Boris Vian, produtor cinematográfico de experiências que não deixaram rasto e um documentário sobre Saint Tropez.

Boris Vian, produtor radiofónico, com Queneau e Arnaud, da ópera *Les Petites Vacances*. E autor escandaloso em 12 de Outubro de 47, na Rádio Nacional, de um *putsch* radiofónico de ficção ("Acabo de tomar a poltrona do director ao preço de dois mortos"). O director foi despedido na vida real.

Boris Vian, editor discográfico de Juliette Greco, Magali Noel, Brigitte Bardot, em 56.

Boris Vian, autor de canções e Boris Vian, cantor-*diseur* de canções (a mais famosa *Le Deserteur*) em espectáculos em Paris e província, em 55, exangue e imóvel em palco, perante um público demasiado incomodado para sequer rir.

Boris Vian, autor de um libreto de ópera, em Caen, em 53.

Boris Vian autor de artigos sobre *jazz*, ficção científica, traduções, *sketches* de *cabaret* de 52 a 54.

Boris Vian, engenheiro oito horas por dia até 47, tratando (depois da normalização dos produtos) da física do papel.

Boris Vian, amante de velocidade e automóveis, um potente *BMW*, em 47, um *Brasier* de colecção de 1911, em 1950, um *Morgan* depois.

Boris Vian, amante de Ursula Kubler, "bailarina de carácter", com quem se casará em 54, de uma ou outra das loiras intérpretes da versão teatral de *J'Irai Cracher...*, da actriz Hildegarde Neff.

Boris Vian, do Colégio de Patafísica (o princípio da equivalência, o sério e o não sério equivalem-se) com Alfred Jarry, Max Ernst, Miró, Jean Dubuffet, Ionesco, René Clair.

Boris Vian, doente, um edema pulmonar agudo em Julho de 56, um edema pulmonar agudo em Setembro de 57.

Boris Vian, que os círculos literários deixaram de considerar escritor.

12
"Viva a noite. Levantei âncora"
(da canção *Terre-Lune*)

No dia 23 de Junho, Boris Vian senta-se para assistir à adaptação cinematográfica de *J'Irai Cracher...*, contra o conselho de mulher e amigos. Após várias peripécias e ingenuidades, Vian perdeu todo o controlo sobre o argumento, de que não conhece uma linha. Poucos minutos depois do início da projecção, às 22 horas e 10 minutos, a cabeça tomba-lhe no ombro. O coração parou. ❑